

INTRODUÇÃO

ONDE PETRÓLEO É MAIS BARATO QUE ÁGUA: A VIDA NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

O PANO DE FUNDO

Eu nasci em 21 de março de 1985 em uma cidade agrícola do interior da África do Sul, a sudeste da fronteira com Lesoto. Não é assim que livros acadêmicos geralmente começam, mas permaneçam comigo, pois isso é relevante. Vinte e cinco anos antes, em 21 de março de 1960, a polícia sul-africana abriu fogo contra manifestantes civis, matando sessenta e nove pessoas. O acontecimento, hoje conhecido como o Massacre de Sharpeville, foi apenas um entre os milhares de atos de violência cometidos pelo Estado sul-africano, que, à época, sustentava o regime político do apartheid. *Apartheid* significa, literalmente, distanciamento (*apart-ness*), e, na África do Sul, as pessoas que deveriam ser mantidas à distância eram aquelas de “raças” diferentes.⁵

O apartheid teve um efeito profundo em todos os sul-africanos, mas o que por vezes é esquecido na memória popular é que o governo da África do Sul tinha ambições muito mais grandiosas. Não contente em dominar a África do Sul, ele desejava estender seu controle por toda a região, e envolveu-se naquilo que conhecemos coloquialmente como as “guerras de fronteira” para tentar aumentar seu alcance e influência. Para este fim, de agosto de 1987 a março de 1988, quando eu acabava de completar três anos de idade, a batalha de Cuito Cuanavale, entre as forças armadas sul-africanas, cubanas e angolanas, assolou Angola, financiada com dinheiro dos Estados Unidos e da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esse foi um dos eventos decisivos em uma guerra de três décadas que explicarei com mais detalhes em breve.

5 A classificação racial sul-africana era um processo absurdamente complexo, e existe uma vasta literatura a respeito (cf. ROSS, 2010; MANDELA, 1994). As categorias amplas usadas eram “branco”, “indiano” (sul-asiático), “preto” e “de cor”. “De cor” incluíam os indivíduos mestiços e descendentes dos povos originários da África do Sul, os Khoi-San, além de pessoas escravizadas da Indonésia.

Demorei algum tempo para chegar a Angola. Depois da graduação, fiz um mestrado para me ajudar a entender os refugiados que retornavam: o que havia mudado neles e no país enquanto estiveram fora? Li tudo o que podia e que havia sido produzido em inglês sobre Angola. Na época, eu não falava português, ignorava umbundu, kimbundu, chokwe ou qualquer outra língua que pudesse ser útil. Como esperado, o assunto sobre o qual li era o sofrimento: fome, privação, violência e horror tão intensos que uma ONG escandinava tomou para si a tarefa de organizar um concurso de beleza chamado “Miss Mina Terrestre Angola” para tentar inverter a maneira como angolanos percebiam-se e como forasteiros os viam.⁶ Se a imprensa e essa literatura acadêmica estavam corretas, Angola era um país desenganado.

REPRESENTANDO “ÁFRICA”?

Parte do que eu havia aprendido em minha infância foi que mesmo (ou, talvez, especialmente) em contextos de transição e, às vezes, violência, a vida cotidiana continua. As pessoas vão a encontros, discutem, celebram o nascimento das crianças ou ajudam-nas com os deveres de casa. Enquanto eventos dramáticos de significância histórica podem delinear os contornos de uma vida, suas texturas serão compostas de ações cotidianas entre as pessoas presentes: gentileza, crueldade, cuidado, negligência e todo o resto, e eu escolhi fazer um doutorado em antropologia porque esta é uma das disciplinas que considera tais ações cotidianas como interessantes e fundamentalmente importantes.

Tipicamente, poderosas organizações midiáticas sediadas no “norte global”⁷ apresentam uma visão da África que ainda é sinônimo de atraso, negligência e violência, algo necessário no passado como justificativa da escravidão,⁸ mas que agora permanece ininterrupta e indiscutivelmente servindo aos interesses do capitalismo

6 MacKinnon (2008).

7 Eu utilizo o termo “norte global” para me referir aos países onde a maioria dos cidadãos possuem uma qualidade de vida material alta e onde os direitos humanos são amplamente protegidos. Outros termos que eu poderia ter escolhido incluem “países da OCDE”, que se referem especificamente aos Estados membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, ou “países desenvolvidos”, que é extremamente vago e baseado em uma ideia darwinista de países pobres enquanto aspirantes automáticos à evolução em direção a um ideal esmagadoramente branco e capitalista. A expressão “norte global” é contraditória e de certa forma ainda problemática, mas eu gosto que, se aceitamos “norte” como equivalente à riqueza e estabilidade, dentro do “norte global” há espaço para a incrível riqueza que é possível encontrar dentro de países que, em termos estatísticos, são bastante pobres. Por exemplo, os bolsos da África do Sul assemelham-se bastante aos da Suíça (embora tenhamos sol!), e, na capital de Angola, os mais ricos não pensam duas vezes ao gastar US\$ 200 em uma única refeição.

8 Smith (2006).

extrativista. A autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie foi poderosamente assertiva em seu TED Talk “Os perigos de uma história única”, de 2016, mas o trabalho de Adichie é fundamentado em uma longa tradição de trabalhos realizados por outros intelectuais africanos que têm dito o mesmo há anos.⁹

Aprofundando-me nessa pesquisa, eu estava bastante consciente que alguém enxerga aquilo que está procurando, e que “o perigo de uma história única”, na prática, poderia significar que, no contexto de Angola pós-guerra, eu poderia enxergar apenas sofrimento, da mesma forma que, em um contexto de férias nos Estados Unidos, eu enxergaria apenas riqueza (quando qualquer pessoa que já andou pelas ruas em qualquer grande cidade estadunidense de olhos abertos sabe que é muito mais complicado que isso). O sofrimento de seres humanos é extremamente importante e, ao longo deste livro, eu luto com o fato de que muitas das pessoas que conheci – e mais ainda aquelas que eu escolhi não conhecer – sofreram profundamente. A seção final do livro reflete sobre uma curiosidade disciplinada e focada que leva para além do esperado e para dentro das realidades vividas, sobre como alguém pode ser curioso junto a estranhos de uma maneira respeitosa que leva ao diálogo e que é baseada na premissa fundamental de uma humanidade compartilhada. Antes de chegar lá, é importante notar a escolha deliberada de focar no que está funcionando e compartilhar isso em parte como uma contribuição política para a mudança da história única da “África”.

“Focar no que está funcionando” é uma sugestão extremamente vaga e, de maneira prática, este livro é sobre a classe média angolana emergente. Historicamente, Angola foi governada por um pequeno grupo de elites¹⁰ e, embora isso indiscutivelmente continue dessa forma,¹¹ as mudanças no país após o fim da guerra civil significaram que, durante o tempo de meu trabalho de campo, era cada vez mais possível para pessoas que *não* eram de famílias estabelecidas ou que não tinham boas conexões políticas a, não obstante, começarem a usufruir de um padrão de vida muito mais alto do que fora possível anteriormente. Isso significou mudanças na educação, no consumo e nos modos de vida, e são essas mudanças que o livro explora de maneira mais minuciosa.

Uma nota sobre terminologia: eu, como muitos intelectuais do continente africano e da diáspora, fico muito angustiada quando alguém se refere ao continente inteiro como se ele fosse um único país. Isso posto, muitos de nós nos referimos a um país em particular como se ele não fosse apenas um, mas dois continentes inteiros: “América”. Quando me refiro aos Estados Unidos da América ao longo

9 Cf. Du Bois ([1903] 2005), Mbembe (2001), Mudimbe (2008), Ogunnaike (2017).

10 Corrado (2008).

11 Cf. Schubert (2017), Soares de Oliveira (2015).

deste livro, deixo isso explícito e uso o adjetivo “estadunidense”; uso “América” ou “americano” somente no sentido continental, do Chile ao Canadá. Isso pode parecer estranho para leitores não acostumados ao questionamento dos impactos linguísticos e psicológicos da dominação de um país específico sobre dois continentes, mas é uma prática corrente em muitas partes das Américas Latina e do Sul, e deveria, creio eu, tornar-se prática corrente ao redor do mundo. Por quê? Porque é correto, porque existe poder em nomear e é um desserviço para os cidadãos dos Estados Unidos, bem como para aqueles de todos os outros países das Américas, feito em grande medida para homogeneizar e para nivelar. Um argentino provavelmente tem pouquíssimo em comum com alguém do Canadá, da mesma forma que um liberiano em relação a um zimbabuano – em ambos os casos, nós precisamos saber diferenciá-los.

SOBRE COMPREENDER A ESCRITA¹²

Relativamente poucas pessoas interrogam-se sobre seus sentidos corporais na vida cotidiana, mas eles são um dos instrumentos mais importantes que os seres humanos têm para conhecer o mundo ao seu redor. A frase “compreender algo” é tão corriqueira no inglês cotidiano que a maioria dos leitores nunca pararam para pensar sobre ela. “Compreender” algo torna isso compreensível por meio do corpo e permite às pessoas agirem baseadas no conhecimento que pode ter sido obscuro antes de concedê-lo atenção sensorial. É precisamente porque os sentidos são tão basilares que nós aprendemos sobre eles quando somos muito pequenos, e, daquele ponto em diante, construímos nossa compreensão dos contextos materiais e sociais nos quais vivemos. É, no mínimo, em parte desta base que nós chegamos ao “senso comum”, a esse ordenamento do mundo tomado como óbvio, que está longe de ser universal (deixe o “global” para lá).

Para muitas pessoas, ler este livro (entender suas lógicas, suas convenções, seu fluxo e estilo e ordem) é, em primeiro lugar, resultado de um treinamento sensorial que emergiu durante o Iluminismo na Europa. Esse treinamento foi baseado em uma interpretação racionalista do mundo e nas fundações da ciência moderna e suas formas de aprendizado. Acima de tudo, o sentido da visão é priorizado. Enxergar era equivalente a acreditar, e a visão poderia ser “confiada” como empírica, que assemelha-se notavelmente com “império” (ainda que as duas palavras tenham raízes latinas diferentes), mas o sistema também reconhecia e valorizava a audi-

12 N. T.: O original, “*making sense*”, não encontra paralelo de uso na língua portuguesa. Dessa forma, justifica-se a opção por “compreender” ao invés de “fazer sentido”.

ção, o tato, o paladar e o olfato.¹³ Esses cinco sentidos dominaram, desde então, o que pode ser considerado os modos de conhecimento capitalistas¹⁴ (extrativista, dominador e profundamente patriarcal), mas eles não são, de forma alguma, as únicas opções disponíveis. Muitos acadêmicos – inclusive nas autodenominadas ciências duras – fizeram um ótimo trabalho demonstrando como diferentes sociedades valorizam outros pontos de entrada para a compreensão de nossas experiências na vida.¹⁵ Mesmo no interior dos enquadramentos existentes do conhecimento “ocidental”, existem muitas disciplinas que reconhecem, por exemplo, o equilíbrio, a nocicepção (a habilidade de identificar e experimentar dor) e muitas outras.

Aqui, utilizo os sentidos como pontos de entrada para a compreensão de um país sobre o qual muitos dos leitores não sabem nada. O objetivo é duplo: primeiro, para ajudar os leitores a imaginar os espaços e as interações que estão sendo descritos de maneira mais completa; e, segundo, para fornecer compreensão metodológica do processo pelo qual uma pesquisa em ciência social é empreendida. No capítulo sobre o tato, por exemplo, o material não o analisa como um fenômeno sensorial *per se*, nem sugere que alguns (ou todos) os angolanos experimentam o que é tátil de uma maneira particularmente inusitada. Ao invés disso, ele presta atenção às texturas que circundam os corpos, e o que essas texturas revelam sobre classe, pertencimento, filiação a grupos sociais, saúde e educação. Minha intenção, assim, é que os leitores mergulhem de maneira mais plena no espaço que podem imaginar através da página, mas que é real em toda a tridimensionalidade que isso envolve. Por meio da constante referência aos conhecimentos corporificados, os leitores vão imaginar seus próprios corpos nos espaços sendo compartilhados e

13 Classen (1993).

14 Utilizo “modos de conhecimento capitalista” para descrever os sistemas de pensamento, análise e trabalho que emergiram da expansão global do capitalismo. Esses sistemas originaram-se na Europa ocidental, mas tornaram-se globais, ainda que em algumas regiões se “pule” mais essa etapa que em outras (FERGUSON, 2006).

15 Cf. Desjarlais (2003), Geurts (2002). Nas últimas décadas, entretanto, as limitações desse enquadramento ficaram muito mais claramente reconhecíveis. Autores como Kathryn Linn Geurts realizaram um trabalho monumental para mostrar como estruturas sensoriais são culturalmente específicas, geralmente aprendidas na infância, e que frequentemente codificam estruturas morais através das quais os julgamentos são realizados. Portanto, vestimentas podem ser consideradas uma referência de enorme importância para julgamentos acerca da moralidade no norte global (pense nos jovens negros mortos nos Estados Unidos por usarem moletons e capuzes), mas, em Angola, como este livro irá explorar mais à frente, o cheiro das pessoas era considerado muito mais importante do que a forma como elas se vestiam. Na antiga casa de Geurts (2002), ao sul de Gana, a maneira como alguém andava também poderia ser uma indicação do tipo de pessoa que ela era, algo que é, talvez, mais comumente reconhecível por aqueles familiarizados com os pressupostos básicos da sociologia francesa, usando a linguagem do habitus, de Pierre Bourdieu (1977), mas que o trabalho de Geurts mostra como é algo infinitamente mais complicado.

considerar como podem responder se estivessem lá. Vamos chamar isso de realidade virtual de baixa tecnologia.

No capítulo atual, eu coloco a propriocepção em primeiro plano para chamar atenção para como alguém compreende – literal e figurativamente – o movimento, o equilíbrio, a orientação e o espaço, e como biografias individuais e experiências de lugares, viagens e as jornadas entre elas informam nossa receptividade a novas narrativas e experiências. Este livro surgiu depois de uma jornada que me levou de Kokstad à Cidade do Cabo (uma distância relativamente curta, de 1.351 quilômetros)¹⁶ via Califórnia, Cuba e Curitiba, para não mencionar Oxford, São Francisco, Leste/Palo Alto, Luanda, Benguela, Lobito, Rio de Janeiro e Réduit, nas Ilhas Maurício. Essa é, de fato, uma enorme distância, e na seção intitulada “A ética do trabalho de campo: sete imagens posteriores”, eu reflito sobre as implicações para o planeta desta quantidade de movimento.

SOBRE O QUE ESTE LIVRO, DE FATO, É

O título do livro, *Da água ao vinho: tornando-se classe média em Angola*, é uma brincadeira sobre a transformação, a esperança e o consumo. A maioria dos angolanos se identifica com alguma denominação da religião cristã,¹⁷ e o primeiro milagre público que dizem ter sido realizado por Jesus é a transformação da água em vinho em um casamento. Essa transformação foi a prova que muitos de seus discípulos precisavam a fim de acreditarem nele. A brincadeira sobre esse tema que eu realizo neste livro é que, como o poder de consumo cotidiano das pessoas cresceu, eles foram capazes de consumir não apenas água para beber, mas também vinho. Essa mudança acentuada em suas realidades materiais ajudou pessoas comuns a “acreditarem” na paz muito mais que, por exemplo, símbolos como camisetas ilustradas com pombas brancas.

Os leitores devem ter notado o título deste capítulo, “Onde o petróleo é mais barato que água: a vida no *capitalismo selvagem*”. Mais será dito sobre o assunto posteriormente, mas, por ora, perceba que em Angola, em 2013 e 2014, o litro da água potável custava *mais* do que o litro da gasolina processada.¹⁸ Isso era indica-

16 Para esses cálculos, usei a ferramenta www.geodatasource.com, que traça uma distância em linha reta pela superfície da Terra, para viagens internacionais, e o Google Maps, para viagens rodoviárias nacionais.

17 Péclard (1998).

18 Em 2014, um litro de água tratada custava 140 kwanzas angolanos, enquanto um litro de gasolina custava 130. Naquela época, a taxa de câmbio era de 100:1 em relação ao dólar estadunidense, significando que custavam US\$ 1,40 e US\$ 1,30, respectivamente. Essa taxa de câmbio mudou significativamente durante o tempo em que eu estava escrevendo o livro (Registros de campo e entrevista no 39). Também é importante notar que Angola é uma figura importante na petroeconomia global (CARDOSO, 2015; OVÁDIA, 2012, 2013;

tivo do que os meus interlocutores (as pessoas que compartilhavam suas vidas comigo em Angola) chamavam de *capitalismo selvagem*, uma expressão com a qual degladiei em termos de tradução. A tradução literal do português é “wild capitalism”, mas isso não captura muito bem o elemento de selvageria que a expressão sugere. “Capitalismo da selva” (*jungle capitalism*) aproxima-se mais, mas é acompanhado com o peso terrível da palavra “selva” (*jungle*) enquanto um estereótipo, inscrito na cultura popular em grande parte da Europa e dos Estados Unidos, da África e das identidades africanas pela maior parte de três séculos.¹⁹

Quando eu pedia a meus interlocutores bilíngues em inglês e português para traduzir a expressão, eles invariavelmente escolhiam “jungle” porque eles queriam enfatizar que a versão do capitalismo que estavam experimentando seguia “a lei da mata” – *the rules of the jungle* (i. e., apenas os mais fortes e mais inteligentes sobrevivem). Amenizar suas análises sobre seu próprio país pelo bem das minhas suscetibilidades liberais não seria apropriado, mas caso a palavra seja lida de forma a reforçar estereótipos, eu também ficaria profundamente pesada. Portanto, utilizo a expressão original, *capitalismo selvagem*, o máximo possível, na esperança que o itálico lembre os leitores de ignorar qualquer viés que venham a ter – ainda que inconscientemente – e aproximem-se dos dados apresentados no texto pelo que realmente são.²⁰

Esta introdução fornece ao leitor informações sobre o contexto que serão necessárias para entender o país, como o livro foi escrito e como lê-lo. O livro está estruturado em cinco capítulos que podem ser lidos em qualquer ordem, embora lê-los sequencialmente seja, talvez, a maneira mais fácil. Cada capítulo termina com uma breve reflexão sobre por que é importante que leiamos esse material, e o que ele pode fazer. Na sequência de cada capítulo, há um interlúdio em que o texto se transforma em dois diferentes instrumentos de comunicação e de conhecimento.

Cada um dos capítulos mergulha profundamente em aspectos da vida cotidiana de Angola, sublinhando simultaneamente similaridades e diferenças com outras experiências do mundo e enfatizando um sentido particular. O primeiro capítulo aborda os aromas e, em particular, os perfumes e os ares-condicionados como

REED, 2009; WIIG e KOLSTAD, 2011); o que acontecerá com as dinâmicas de mudanças do petróleo no século XXI ainda permanece obscuro, mas não há dúvidas de que o país sentirá os efeitos de qualquer mudança.

19 Cf. Conrad (2010).

20 Quando escrevi este livro, não tinha noção das conotações do termo em francês. Minha amiga e colega, a economista Myriam Blin, apontou-me que, na norma francófona, *capitalism sauvage* tinha, de fato, um significado bem diferente. Lá, o termo é frequentemente usado para referir-se ao capitalismo sem regulações encontrado nas estruturas econômicas anglo-saxãs (Reino Unido e EUA), em que o estado do bem-estar social é preterido em relação aos interesses do mercado. Esta é uma discussão complexa e fascinante, mas está além do escopo deste livro em particular.

ferramentas de gerenciamento do meio ambiente e de produção de mudanças positivas. O segundo capítulo explora o tato e as texturas de tatear em contextos de *capitalismo selvagem* e, em específico, a maneira como as texturas dos uniformes, o calor das fogueiras e o sentimento de união cria fortes laços de pertencimento e de comunidade em um país em paz. O terceiro capítulo é sobre paladar, sabor, doçura e acidez e sobre o posicionamento de classe que comer determinados alimentos garante, bem como a significação cultural que a comida frequentemente carrega consigo. No capítulo 4, os sons são trazidos à tona, e, no capítulo 5, os leitores são convidados ao Instagram e ao Facebook para explorar a reformulação nacional e o conhecimento através da visão, bem como as “pós-imagens” dos desafios éticos do trabalho de campo.

O capítulo de conclusão é sobre a curiosidade e as muitas maneiras pelas quais nós podemos fortalecer um sentimento de conectividade e experiência humana compartilhada fazendo boas perguntas e ouvindo verdadeiramente (e não apenas com nossos ouvidos) as respostas. Nós precisamos fazer isso enquanto simultaneamente reconhecemos as diferenças estruturais e culturais que nos dividem e que garantem que o mundo é interessante. Isso tem relevância não apenas para estudantes de ciências sociais, mas para qualquer pessoa que trabalhe em equipes internacionais ou em campos que influenciem pessoas distantes. Ainda que você seja arquiteto, funcionário de um zoológico, engenheiro, advogado ou desportista, a curiosidade sobre como pessoas diferentes de você pensam só pode levar a um trabalho melhor e que é capaz de ir ao encontro das necessidades, por vezes muito diferentes, de pessoas diferentes.

Angola foi um importantíssimo estágio da história humana, e acredito fortemente que tem muito a nos ensinar. Antes de ser um Estado, no sentido moderno da palavra, os ancestrais daqueles vivos atualmente eram parte de uma das classes políticas mais importantes da África.²¹ Esses ancestrais foram capturados na Era dos Impérios, espalhados por toda a América do Sul e, além disso, desempenharam um papel criticamente importante na formação do Brasil dos dias atuais e no desenvolvimento de esportes como a capoeira e a zumba e de religiões como o Candomblé.²²

Mais recentemente, o país foi submetido a um profundo período de revolta pelo processo de descolonização dos portugueses. Isso rapidamente se transformou em um conflito *proxy* da Guerra Fria que eu descrevi acima, no qual forças cubanas e sul-africanas uniram-se a grupos rivais angolanos lutando entre si como parte da disputa global entre socialismo e capitalismo.²³ Em 2017, José Eduardo Santos,

21 Thornton (2012), Vansina (1966).

22 Alencastro (2000), Freyre (1933), Matory (2005).

23 Hatzky (2012), Marcum (1969, 1978), Soares de Oliveira (2015).

presidente de Angola desde 1979, deixou o cargo, e uma nova era iniciou-se sob a liderança do presidente João Lourenço.

Mudanças recentes entre as lideranças políticas realçaram ainda mais as tentativas do país de ser moderno e pacífico, atualizado tecnologicamente e democrático, globalizado e nacionalista, tudo em um contexto de pobreza relativa da vida real e em termos reais, e riqueza da vida real em futuros especulativos do petróleo.²⁴ Comparar Angola com outros países pode ser útil, pois a crueza e a novidade da “paz” de Angola permite, de várias maneiras, que as dinâmicas que podem ter sido tornadas opacas pelas sobreposições da história, da burocracia e até dos mitos nacionais sejam visíveis (pense, por exemplo, na “nação do arco-íris” metafórica na África do Sul, ou a reformulação da Ruanda pós-colonial e pós-genocídio como a estrela da história de sucesso da África, ou mesmo na “ascensão” da China).

COMO A PESQUISA FOI FEITA

Esse trabalho começou em 2009, quando eu buscava completar o mestrado no Reino Unido. Depois, prossegui quando conduzi pesquisa em Angola e no Brasil durante meu doutorado em antropologia nos Estados Unidos, começando a ser escrito em 2018, enquanto eu lecionava em duas universidades das Ilhas Maurício, e foi concluído em 2019, quando voltei à África do Sul depois de uma década distante. De 2009 em diante, eu comecei a ler ativamente sobre Angola e, de 2010 em diante, comecei a estudar português. Visitei o país pela primeira vez por algumas poucas semanas em 2011, em uma jornada exploratória onde tive centenas de conversas que me auxiliaram a entender quais questões perguntar caso eu quisesse pesquisar “a classe média emergente”.

“A classe média emergente” na África era, àquele tempo, um conceito bastante em voga. Um relatório da consultoria McKinsey&Co. havia dado muito valor “aos leões da África”,²⁵ e eu estava longe de estar só em meu desejo de contar uma história alegre sobre a vida em partes do continente. Parecia uma forma sensível de abordar a realidade que é óbvia para a maioria dos africanos (mas muito menos visível fora da África em razão do recorte seletivo da mídia), qual seja, a de que muitas pessoas através das vastas faixas de território que compõem o continente estejam indo muito bem.

24 No fim do meu trabalho de campo, em dezembro de 2014, o preço do petróleo colapsou e Angola entrou em uma recessão da qual ainda precisa recuperar-se e que alterou drasticamente as vidas de muitos de meus interlocutores. Isso é abordado na conclusão do livro.

25 Roxburgh et al. (2010).

Na primeira vez que fui a Angola, eu submergi em cheiros, sabores, texturas e humores de Luanda, Lobito, Benguela e Namibe – todas cidades costeiras que se adequavam aos meus interesses mais abrangentes – estabelecendo Lobito como local de meu trabalho de campo de longo prazo, por razões que eu descrevo a seguir. Em 2011, eu também fui ao Brasil para treinamento intensivo na língua, e lá percebi que estudar Angola não seria o suficiente – eu precisaria incluir um tempo no Brasil, onde muitos angolanos iam temporariamente para adquirir educação, habilidades e mercadorias para vender e revender. Compreender Angola no contexto do Oceano Atlântico, portanto, tornou-se uma orientação importante, e por muito tempo eu mantive o mapa exibido na Imagem 2 em minha parede como um lembrete para pensar nas novas formas em que a geografia simultaneamente conecta e separa.



Imagem 2. Um mapa do Oceano Atlântico desenhado por Kyle Williams.

No mesmo período em que me encontrei imersa no Brasil, também tive o privilégio de poder visitar Cuba, o que me ajudou a entender alguns contextos históricos mais abrangentes do conflito que é descrito na história em quadrinhos apresentada ao fim deste capítulo. Então, desenvolvi uma proposta, busquei e fui agraciada com um financiamento de pesquisa, tendo meu trabalho avaliado por comitês de ética e autoridades relevantes tanto nos Estados Unidos, onde estava estudando na época, quanto em Angola.

Entre 2013 e 2014, vivi o tempo todo em Angola intercalado com três meses de trabalho de campo no Brasil. Em Angola, tornei-me professora primária de música em uma escola particular e líder escoteira, também passei a integrar o corpo docente de uma universidade, o que me permitiu estabelecer uma rica rede social e intelectual. Conheci pessoas de uma ONG local e frequentava regularmente suas reuniões. Trabalhei na academia local, frequentava apresentações musicais, passava tempo nas cafeterias e bares, silenciosamente assistindo às idas e vindas daqueles com alguma renda disponível. Essa técnica é chamada de “observação participante” – participamos totalmente da vida, mas também observamos cuidadosamente, produzindo notas detalhadas durante o percurso.

A observação participante foi estruturada e aprofundada por 107 entrevistas semiestruturadas, entrevistas em grupos focais, uma pesquisa conduzida com estranhos objetivando a obtenção de informação estatisticamente significativa sobre definições de classe média e análise de redes sociais.

A história recente de Angola incluía muitas pessoas informando-se umas sobre as outras durante a guerra, e, como resultado parcial disso, poucos indivíduos aceitavam ser gravados. Em alguns casos, levou um longo tempo para construir relações de confiança. Eu, portanto, raramente usava gravadores de voz, embora ocasionalmente tenha capturado pequenos excertos de som em meu celular e as entrevistas que usei para as histórias orais no capítulo 3 tenham sido gravadas – novamente em meu celular. Todos os arquivos eram incorporados e mantidos em uma planilha do Excel protegida por senha e, quando possível, fora do disco rígido do meu computador pessoal, pois eu era frequentemente alertada por meus amigos que as autoridades poderiam confiscá-lo a qualquer momento (eles nunca o fizeram).

Escrevi centenas e centenas de páginas de notas, esboços e questões, transcrevendo-as toda noite em meu computador. Frequentemente variava entre o português e o inglês em um mesmo conjunto de frases. Cada entrevista era alocada em um número, e todas as notas de campo eram registradas por datas usando a convenção Ano, Mês, Dia e Local. Elas eram registradas dessa forma por conta do sistema de preenchimento que eu utilizava em meu computador. Como exemplo, se eu fosse completar a 108ª entrevista hoje, a registraria como Entrevista #108, 191018, Hermitage, Ilhas Maurício – isto é, 2019, 18 de outubro, em Hermitage, Ilhas Maurício, de onde estou digitando no momento. Essas entrevistas estão listadas no começo do livro, sendo mencionadas ao longo deste por seus números (i.e., entrevista #21).

Às vezes, eu escrevia à mão, noutras, escrevia notas em meu celular, e frequentemente eu enviava mensagem via WhatsApp ou mensagens de texto se houvesse algo com o qual estivesse preocupada em esquecer, pois digitar no celular se provou

ser muito menos indiscreto do que escrever à mão em um caderno de papel. Tirei fotos tanto com o celular quanto com a minha câmera, e guardei ingressos, papéis e artefatos aleatórios; quando possível, eles eram escaneados. Todas as pessoas com quem trabalhei foram requisitadas a escolher um pseudônimo, com o nome original registrado em uma planilha de Excel protegida por senha, para preservar suas identidades. O consentimento informado foi obtido em todas as situações, à exceção dos grandes eventos públicos (eu não conseguiria obter a permissão de todas as pessoas em um show de rock!), e os interlocutores sempre tinham o direito de não fazer mais parte da pesquisa, embora ninguém tenha se retirado. Quando detalhes eram necessários – como o tipo de carro que um indivíduo dirigia –, tentei, tanto quanto possível, manter o espírito da verdade, mas não sua letra. Por exemplo, Aimée, que descrevo no capítulo 1, não dirigia, de fato, um Honda branco, mas um carro de valor e *status* equivalentes, e de uma cor diferente. Dizer qual carro ela *verdadeiramente* dirigia poderia identificá-la aos de sua comunidade, mas o ponto central que elaboro em meu argumento usando seu carro como exemplo permanece, de toda forma, válido. O detalhe sobre manter o plástico nos assentos é absolutamente preciso.

Eu mesma não tinha condições de comprar um carro, mas eu era capaz de comprar uma moto em Angola (no Rio, eu pegava ônibus ou caminhava). Era raro que mulheres andassem de moto naquela região do país, e minha experiência em meus trajetos diários deu início a diversas conversas. Isso foi agravado porque – em grande medida, em deferência a meus pais e a preocupados administradores departamentais – eu trouxera comigo um capacete de moto extremamente bom que me garantiu o apelido de “astronauta da África do Sul”. Como eu exploro mais à frente nesta introdução, uma moto *não* era um símbolo usual de status de classe média ou alta, mas a branquitude era associada à riqueza, e, dessa forma, eu frequentemente confundia as pessoas. Eu também falava português com um forte sotaque brasileiro, perturbando ainda mais as expectativas, os estereótipos e a realidade, que frequentemente não convergiam. Considerei isso mais produtivo do que disruptivo, uma vez que possibilitava o início de muitas conversas.

Enquanto realizava meu trabalho de campo, senti cada vez mais que meus esforços para coletar “informação” eram incompletos quando eu focava apenas no que havia aprendido sobre o que abrangia a etnografia: isto é, a monografia, o olhar antropológico. Na busca por maneiras de registrar experiências de compreensão e conhecimento gerado não apenas por informantes aprovados-por-comitês-de-ética, mas por minhas respostas subjetivas para amigos, crianças e estranhos que habitavam meu ambiente de pesquisa de campo,²⁶ comecei a escrever

26 Auerbach (2017).

poesia ao lado das minhas notas de campo. Eu também incluí parte desse trabalho neste livro. Os poemas me permitiram explorar ideias que, mais tarde, enriqueceram minhas entrevistas e observações formais e, ao final do processo, eram dos poemas que eu gostava mais.

Completei meu trabalho de campo em dezembro de 2014, e retornei para os Estados Unidos. Terminei meu doutorado dois anos depois, e, em janeiro de 2017, comecei a trabalhar na African Leadership College, onde lecionei por dois anos. Em 2018, retornei a Angola para fazer pesquisa de acompanhamento para a conclusão deste livro.

A viagem de trabalho de campo de 2018 me permitiu observar o impacto da queda do preço do petróleo ocorrida em dezembro de 2014, logo quando eu estava finalizando meu trabalho de campo principal, e realizei entrevistas de acompanhamento com a maioria das pessoas que aparecem neste texto, visitando também a escola e a universidade onde lecionei. Em 2017, Angola também passou por sua primeira mudança de liderança presidencial desde 1979, o que levou a alterações tanto positivas quanto negativas, e que afetaram as vidas cotidianas de formas significativas. O livro é, em sua maior parte, sobre o que aprendi de 2011 a 2014, mas também leva em consideração as mudanças ocorridas depois desse período.

COMO LER ESTE LIVRO

Este livro não segue as convenções da escrita acadêmica. Ele inclui longas seções de texto, como esta aqui, e também a história de Angola em quadrinhos, receitas, poesias, ensaios fotográficos e prosas que se abrem para diferentes tipos de análises. O livro é inspirado por textos como o *Unflattening*, de Nick Sousanis,²⁷ que convida os leitores a interrogarem o quanto a compreensão é frequentemente moldada pela forma como o material é apresentado, e as limitações que todo material inevitavelmente possui. Sousanis chama a atenção para a compreensão do “todo”, o que não creio que seja possível. Não obstante, sua sugestão de uma perspectiva mais ampla e inclusiva parece útil.

Na antropologia, frequentemente usamos a teoria acadêmica para estruturar nosso trabalho e usamos o trabalho, por sua vez, para construir sobre a teoria. Isso pode ser muito poderoso. A teoria, no entanto, como Allaine Cerwonka e Liisa Malkki²⁸ escreveram, é algo que necessita ser constantemente “melhorada” para ser

27 Sousanis (2015).

28 Cerwonka e Malkki (2007).

responsiva às necessidades da sociedade, e as necessidades às quais esse trabalho está respondendo são, em grande medida, fundamentadas em discursos e realidades cotidianas.²⁹ Escrevi essas páginas de forma particular por causa do que eu quero que este livro *faça*. Quero que ele mude a forma como os leitores imaginam as pessoas em partes do mundo que eles desconhecem, e as categorias do Estado-Nação que supostamente nos definem, nos dividem e nos unem. Para mudar o pensamento, é necessário haver algum engajamento com a emoção – precisamos nos importar de uma forma que requer e compele mais do que clicar em um link para algo na internet. O sentimento, muito mais do que o pensamento nos conteúdos particulares daquilo que exploramos, é o que provavelmente ficará conosco, mas agir puramente baseando-se em sentimentos, abandonando o pensamento, pode ter consequências terríveis – como certos tuiteiros de alto escalão demonstram. Então, sentimento e pensamento precisam convergir. Isso pode, por vezes, ser difícil e desconfortável, mas a dificuldade e o desconforto podem, ao menos, ser parte do ponto do aprendizado – a areia que faz a pérola.

CONCEITOS CENTRAIS

A CLASSE MÉDIA ANGOLANA

Este é um livro sobre a classe média angolana, mas o que isso significa? Argumentarei que isso pode ser entendido como *aqueles que têm um carro, uma casa e educação*. Esse entendimento será *cumulativo*: cada capítulo revela novas dimensões de pertencimento e mobilidade de classe. Primeiro, é importante entender os parâmetros mais abrangentes do que classe, ou estratificação social, significa.

“Classe média” é um termo frequentemente usado na linguagem do dia a dia para incluir pessoas que não estão nem passando fome, nem voando pelo mundo em jatos particulares. Para aqueles interessados, há uma extensa produção acadêmica na economia, sociologia e filosofia política (ver a seção Sugestões de leitura) que leva em conta a relatividade do pertencimento à classe média. Em 2014, quando essa pesquisa foi realizada, Angola era a 149^ª colocada no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano em uma lista que abrangia 185 países, uma ferramenta das Nações Unidas que avalia países baseada em três critérios: “um padrão de vida decente”, “conhecimento” e uma “vida longa e saudável” (PNUD, 2014). Em 2018, a organização considerava somente 11% da força de trabalho de Angola como “qualificada”, a mortalidade infantil era de 54,6 mortes a cada 1.000 nascimentos, e havia 120 casos de malária para cada mil habitantes (PNUD, 2018).

29 Para aqueles interessados em debates mais teóricos e explicitamente acadêmicos pertinentes sobre a região, esses são textos essenciais e estão incluídos na seção Sugestões de leitura sobre Angola inserida ao final deste livro, que, espero, muitos leitores irão explorar.

Nesse contexto, a renda é importante. Quanto dinheiro uma pessoa ganha, quantas pessoas aquele dinheiro sustenta e até onde o dinheiro consegue chegar? Mais importante, a pessoa é paga em dólares estadunidenses – o que tecnicamente é ilegal para propósitos da vida cotidiana, mas, de toda forma, amplamente praticado – ou em kwanzas angolanos (para o qual a abreviação é AOK)? Por exemplo, em Angola, durante meu trabalho de campo, US\$ 1 comprava uma lata de cerveja. Você não consegue comprar uma cerveja por um dólar na maior parte das cidades dos EUA, mas existem outras coisas nos EUA que são muito, muito mais baratas do que em Angola – como água potável, ou carros. No fim do dia, a renda, por si só, é quase insignificante, ao menos que seja colocada no contexto das pessoas interessadas, e se sua fonte for também considerada.

O dinheiro que se ganha vem de um único emprego, ou de vários? Esses empregos são na “economia formal” (por isso, entendo a economia sujeita à regulação do trabalho, proteção, taxação e a lei) ou são bicos, sobre os quais não incidem imposto, são irregulares e desprotegidos? Quantas pessoas contribuem com o dinheiro que entra em casa, e como o trabalho é dividido, seja em termos de trabalho não remunerado, como tarefas domésticas, ou em termos de trabalho externo remunerado?³⁰ Perante quem um indivíduo tem responsabilidade financeira? Em Angola, como em grande parte do mundo (excetuando-se grande parte da Europa e América do Norte), as “famílias” tendem a significar mais do que pais e filhos, e é imprudente pressupor modelos universais – de família ou de finanças – que, na realidade, são exceções euro-americanas às cadeias globais de sensibilidade e responsabilidade.³¹ Em Angola, quase todo mundo tinha, e ainda tem, “bicos”, mas isso tem cada vez mais se tornado a norma global. Pense nas pessoas que prestam serviços de transporte como Uber nos fins de semana, ou trabalham como babás das crianças dos vizinhos, ou se inscrevem na plataforma www.taskrabbit.com, caso morem nos EUA ou no Canadá.

Ter ativos é muito importante. Os últimos capítulos neste livro levam em conta as experiências de algumas das muitas pessoas que adentraram a classe média angolana ocupando prédios abandonados pelos colonizadores portugueses, usando-os para levantar capital. No contexto angolano, ativos incluem também carros, computadores, joias e por aí vai: coisas que podem ser vendidas se for necessário, ou mantidas de diferentes maneiras para assegurar o futuro. O requintado livro de Shailja Patel,³² *Migritude*, é uma meditação sobre as experiências e os condicionamentos da migração e o papel que saris, joias e dinheiro desempenhavam nas vidas

30 Chant e Sweetman (2012).

31 Chakrabarty (2000).

32 Patel (2010).

financeiras de uma família de quenianos descendentes de sul-asiáticos. De maneira muito diferente, *Marginal Gains*, de Jane Guyer,³³ explora o intercâmbio de diferentes *categorias* de bens em partes da África ocidental, e o que pode ou não pode ser convertido em categorias de riqueza. Neste livro, o capítulo sobre os odores explora como, no contexto Angola-Brasil, o perfume tornou-se um ativo importante para alguns indivíduos – em termos de ganhos financeiros e simbólicos.

Por décadas, cientistas sociais demonstraram que da mesma forma que seres humanos investem valor no capital financeiro, nós também concedemos importância enorme ao “capital cultural” – entendido enquanto os hábitos, os maneirismos e o conhecimento que nos permitem mostrar pertencimento a um dado espaço, e que, frequentemente, leva à mobilidade de classe (seja ascensão ou descensão). O último, o conhecimento, não é monetizado, mas a ironia é que é precisamente o que leva à consolidação do dinheiro em razão do significado simbólico que o capital cultural tem. O sociólogo Pierre Bourdieu escreveu sobre isso de maneira notória em seu livro *Distinction*³⁴ (A distinção), mas há uma longa história de análise na literatura, que inicia-se quando um sueco de nome Thorstein Veblen³⁵ explorou os feriados europeus no século XIX. O capital cultural não tem nenhuma relação com o gosto, com círculos de conhecimento e com a habilidade de “traficar influência” (descrita a seguir). Em Angola, ele diz respeito à língua, ao estilo, à música, literatura, às redes sociais e mais.

Para a maior parte dos angolanos ao longo da costa urbana, casas eram de importância crítica. Se alguém tinha uma casa, então tinha direito à terra e estabilidade. Muitos herdaram ou ocuparam suas casas quando os portugueses deixaram o país, em 1975, incertos se voltariam em algum momento. Naquele tempo, prédios inteiros foram deixados desocupados e, embora o processo de distribuição tenha sido, em alguma medida, controlado pelo Estado,³⁶ muitas pessoas simplesmente se mudaram para eles e asseguraram de maneira efetiva o futuro financeiro das gerações subsequentes – uma espécie de equivalente dos dias modernos do que Karl Marx³⁷ notoriamente referiu-se como “acumulação primitiva”.

O transporte público em Angola é, na melhor das hipóteses, rudimentar e, na pior, perigoso. Via de regra, ele não existe. Caminhar toma tempo e energia, além de sujar o corpo. Motos são um intermediário decente, mas o risco de morte é

33 Guyer (2004).

34 Bourdieu (1984).

35 Veblen ([1899] 2009).

36 Croese (2012), Gastrow (2015), Tomás (2014).

37 Marx (1999).

alto, e poucos argumentariam que é um jeito adequado de se transportar crianças (embora muitos não tenham escolha a não ser usá-las para isso). Um carro representa capital na forma de um objeto, certamente, mas também representa liberdade sobre seu próprio tempo e controle sobre o ambiente. Carros podem ter ar-condicionado e podem ser usados de acordo com a conveniência de cada um. A vida social pode acontecer dentro deles, o que de fato ocorre. Feriados, como Henry Ford poderosamente intuiu, podem ser experienciados com os carros, e o mundo literalmente se abre. Ter um carro era ter o controle, tornar-se mestre de seu próprio destino em termos da vida cotidiana.

Finalmente, sobre a educação: em Angola, como os capítulos seguintes irão demonstrar, muita atenção é direcionada ao que é “autêntico” e ao que é “falso”. Muitas casas foram adquiridas por meio de ocupações ou redes de relações, e o único requisito para a posse de um automóvel era ter dinheiro suficiente. Mas para ser *verdadeiramente* “classe média”, diziam-me repetidamente, era preciso possuir “educação de qualidade” – o tipo de educação que permitia a alguém pensar de forma independente das lógicas político-partidárias, ou mesmo das dimensões das estruturas militares (por muitos anos, ambas haviam sido simbióticas). Educação também significava redes de relações, e redes de relações eram cruciais para sobreviver. Sem educação, era possível ser enganado ou controlado. Além disso, a educação direcionava os indivíduos para futuros particulares. Um exemplo notável era que na escola onde eu ensinava música, era esperado que as crianças separassem cuidadosamente seu lixo em categorias apropriadas para a reciclagem, a despeito do fato de não existir nenhum centro de reciclagem no país naquele momento. Isso era indicativo de uma expectativa de habilidades e *habitus* que não reservavam qualquer fundamentação na realidade local, mas, não obstante, eram considerados essenciais pelos professores dessas crianças em particular (de famílias pagantes).

Possuir uma casa (ou uma casa-em-construção), um carro (ou talvez, com boa vontade, uma moto) e educação (ou educação-em-progresso) eram os critérios que emergiam repetidamente para garantir o pertencimento à classe média. Isso era o que era preciso para garantir prosperidade – e não apenas sobrevivência – na Angola contemporânea. Possuir um entre esses três era bom, mas não o suficiente. Dois significava a abertura de possibilidades, mas os três significava estabilidade. Frequentemente, por óbvio, isso era geracional, uma vez que os pais que possuíam casas e tinham acesso ao transporte trabalhavam em empregos que pagavam apenas o suficiente para que seus filhos frequentassem escolas particulares. Quase todos falavam sobre seu desejo de que seus filhos ingressassem em universidades posteriormente. Um diploma continuava como um fiador extremamente importante tanto de *status* quanto de estabilidade, e aqueles que haviam concluído seus estudos universitários não raro recebiam o título de “doutor” como signo de respeito.

CAPITALISMO SELVAGEM

Capitalismo selvagem já foi mencionado nessa introdução, e refere-se à experiência econômica de Angola *circa* 2014. Era o termo utilizado cotidianamente pelas pessoas para descrever o contexto no qual houve uma mudança explícita do socialismo para o capitalismo na política nacional com o fim da Guerra Fria. No capítulo 2, sobre o tato, esse assunto é discutido com maior profundidade, mas, por ora, alguns aspectos mais abrangentes sobre a forma como o *capitalismo selvagem* era experimentado por meus interlocutores podem ser apresentados.

O *capitalismo selvagem* é um sistema que acontece em um contexto de fraqueza do Estado, em que a *lei da mata* (*the rules of the “jungle”*) opera na vida econômica. O Estado, estabelecido no contexto do socialismo, supostamente oferecia educação gratuita, assistência em saúde, proteção policial, e por aí vai – mas, na verdade, conseguia fazer muito pouco. Duas visitas a uma família que vivia na periferia de Lobito explicitaram isso para mim. Na primeira visita, fotografei as crianças a pedido de sua avó (Registro de campo 131204). Retornei algum tempo depois com as fotografias. A avó começou a chorar, e explicou que a criança do meio, de aproximadamente três anos de idade, havia falecido. Quando perguntei como, a resposta dada foi “as crianças simplesmente morrem, às vezes” (Registro de campo 140611) – a face humana da estatística de mortalidade infantil de 54,6 mortes por 1.000 (PNUD, 2018). Sob as condições do *capitalismo selvagem*, isso era no mínimo reconhecido como uma provável possibilidade.

A moeda angolana, kwanza, flutuou significativamente durante sua história,³⁸ e a moeda informal do Estado era, via de regra, o dólar estadunidense. Esses dólares, entretanto, eram trocados sob taxas de câmbio muito diferentes nas ruas e nos bancos, indicando um mercado financeiro alternativo poderoso no qual grande parte da atividade econômica do país acontecia. Por exemplo, em determinado momento durante a guerra civil, um caixote de cerveja importada poderia ser trocado por uma passagem de volta ao mundo da companhia aérea local (Entrevista nº 27), e, embora a situação em 2014 fosse muito menos dramática, a instabilidade financeira e a imprevisibilidade eram condições básicas do *capitalismo selvagem*, tornando-se muito difícil fazer orçamentos, guardar dinheiro no banco ou realizar compras. Em 2018, quando retornei a Angola, o kwanza havia desvalorizado significativamente e aqueles que não tinham acesso a fontes externas de renda estavam sofrendo profundamente.

Finalmente, muitas tradições culturais e intelectuais diziam algo sobre o efeito do “não é o que você sabe, é quem você conhece”. Em Angola, sob as condições do

38 Cf. Schubert (2017).

capitalismo selvagem, isso era levado ao extremo. As pessoas falavam regularmente de “tráfico de influência”, e este livro explora como a vida pode se tornar muito complexa caso não se conheça a pessoa certa e, pela mesma razão, com os contatos certos, as necessidades diárias poderiam ser facilmente supridas. Um dos meus vizinhos, por exemplo, trabalhava em um importante departamento do governo que emitia documentos pessoais. As filas para entrar lá eram impossivelmente longas e requeriam um dia inteiro fora do trabalho. Outros vizinhos ocasionalmente ganhavam comissões para apresentar alguém ao burocrata em questão, que os “ajudava” como parte de suas horas extras no trabalho. Isso era corrupção ou era a lógica do mercado, na qual a oferta reage à demanda sob preços mais altos? A “corrupção” é, como argumento, um termo excessivamente preguiçoso para compreender as maneiras como os recursos são mobilizados em todos os níveis da sociedade angolana; o “tráfico de influência” é uma frase mais útil.

Agora, o terreno por onde nosso caminho progride está estabelecido. O livro não oferece uma historiografia detalhada de Angola, embora trabalhos relevantes estejam na bibliografia indicativa. Ao invés disso, com Elinor Driver, eu apresento uma história ilustrada de Angola. Essa história é breve, mas captura os detalhes essenciais que são necessários se quisermos entender o que se segue. O primeiro capítulo prioriza o sentido do olfato, e mergulha os leitores no contexto em que o livro os requisitará habitar. O segundo capítulo sente por meio do tato, o tátil e as texturas da vida cotidiana como experimentadas por membros da Associação dos Escoteiros de Angola. O terceiro oferece uma análise do paladar – e do gosto, no sentido de apreciação estética – por meio de duas histórias de vida de homens muito diferentes: um chef e um alfaiate. No quarto capítulo, os leitores são convidados a escutar os ecos das ideologias da Guerra Fria, os barulhos do capitalismo contemporâneo e como isso se manifesta nas salas de aula e nos salões das universidades locais. O último capítulo etnográfico, sobre a visão, olha para as *selfies* e para o uso das redes sociais, bem como para o que é enquadrado como “pós-imagens éticas”, momentos de complexidade ética que permaneceram comigo, enquanto pesquisadora, desde então. Finalmente, a conclusão fala sobre a curiosidade e a importância de fazer boas perguntas mesmo depois de a pesquisa estar formalmente encerrada. Ela atualiza o texto com o que aconteceu em Angola desde que o trabalho foi levado a cabo, e aproxima os temas do livro como um todo. Minha esperança é que, por meio da apreciação de uma etnografia sobre o que está acontecendo na Angola contemporânea, os leitores possam encontrar em si um desejo de saber e conhecer mais, e de pedir às pessoas de lá (e de outros lugares) para explicar como suas vidas são vividas, ouvidas, testemunhadas e experimentadas no que diz respeito ao que é bom, ruim, feio e bonito.

Por que isso importa? (propriocepção)

Orientação

O propósito desta explicação é orientar o leitor. Ao fim de cada capítulo, há uma seção, curta como esta, sobre por que – em minha opinião – um conceito particular importa, e o que espero que os leitores possam pensar depois de perpassar o material. A seção não é feita para ser conclusiva, mas para consolidar as bases da discussão. Alguns leitores precisam de uma razão para se engajar às ideias, outros não. Alguns podem considerar útil ler esta seção antes de ler o capítulo, ou todas essas pequenas seções antes de ler o livro todo. Este texto pode ser linear, embora isso não seja uma necessidade.